obituário

v. 47 • nº 3 • setembro-dezembro • 2022.3

anuário antropológico

v. 47 • nº 3 • setembro-dezembro • 2022.3

Uma carta para Patrícia. (Ou como honrar a sua memória?)

A letter to Patrícia (Or how to honor her memory?)

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.10179

Eliska Altmann

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil

ORCID: 0000-0002-2986-1600

eliskaaltmann@gmail.com

Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, junto ao Departamento de Sociologia. Coordena o GRUA – Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais: http://www.grua.art.br (CNPq) e o Acervo do NAVEDOC – Núcleo Audiovisual de Documentação (UFRJ).

Emílio Domingos

Fundação Getúlio Vargas – Brasil

ORCID: 0000-0002-9312-3899

emiliodomingos@gmail.com

Cineasta e antropólogo. Graduado em Ciências Sociais pelo IFCS/UFRJ, mestre em Cultura e Territorialidades pela UFF. Professor da Pós-graduação em Cinema Documentário da Fundação Getúlio Vargas (FGV-RJ).

Fabiene Gama

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

ORCID: 0000-0002-9152-0903

fabiene.gama@ufrgs.br

Professora Adjunta do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordena o Grupo de Pesquisa GIP - Gêneros, Imagens e Políticas (CNPq/UFRGS) e o Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS).

Esta pequena comunicação, de tributo e agradecimento à mestra tão querida e precursora da antropologia audiovisual no país, é fruto de nosso encontro na mesa de homenagem intitulada "Contribuição de Patrícia Monte-Mór para a antropologia visual no Brasil", organizada pela comissão do Prêmio Pierre Verger - 2022[1].

1 https://www.ppv2022.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=842

Apesar de sabermos que qualquer coisa dita ou escrita não chegaria a honrar a grandeza da vida e as contribuições fundadoras de Patrícia para o campo, e também para a formação de estudantes, pesquisadores(as) e públicos, expressamos aqui nossos afetos e impressões de décadas de convívio, até como forma de superação (ou realização) do luto.

Notamos, a princípio, que poderíamos falar e escrever sobre a trajetória da professora e produtora numa narrativa linear, quiçá até coerente. Mas ela mesma conta como ninguém a sua história na bonita e recente webconferência intitulada "Trajetórias pessoais na Antropologia Visual do Brasil, com Patrícia Monte-Mór/UERJ", em https://www.youtube. com/watch?v=U3qtP9xtwNg.

Depois de oito meses de sua partida, em janeiro último, após ter sobrevivido aos dois primeiros anos da pandemia de Covid-19, e ter sido levada de forma tão repentina, já vacinada, pela chegada da Ômicron no Brasil, nos perguntamos se seremos capazes de dar continuidade ao trabalho e à generosa troca de conhecimentos aprendida com ela. Viveremos novamente experiências como as das Mostras Internacionais do Filme Etnográfico, dos Ateliers Livres de Cinema e Antropologia, dos Cadernos de Antropologia e Imagem? Seremos capazes de resistir às demandas por produtividade, como ela bem fazia, e criar espaços de prazer e interlocuções criativas na antropologia acadêmica brasileira?

Pioneira *sui generis*, Patrícia fundou a primeira Mostra Internacional do Filme Etnográfico, em 1993, ocorrida no Centro Cultural Banco do Brasil/RJ, que inspirou tantos outros festivais de documentários e produções antropológicas em diferentes estados brasileiros, nos anos subsequentes. Idealizadora do Prêmio Pierre Verger, esteve à frente da organização em suas primeiras edições. Na UERJ, coordenou a Oficina de Ensino e Pesquisa em Ciências Sociais e o Núcleo de Antropologia e Imagem – NAI, um dos primeiros núcleos de pesquisa do subcampo disciplinar no país[2].

2 https://naiuerj.blogspot.com/

Conhecemos Patrícia naquele momento, com intervalos de tempo entre os anos 1990 e início de 2000. Participamos ativamente tanto do Atelier quanto das Mostras, além de outras incríveis produções de sua autoria. Desse convívio, registramos algumas marcas.

No Atelier, ministrado com o amigo Marc-Henri Piault, também homenageado no PPV 2022[3], tínhamos aulas com antropólogas, mas também com cineastas, fotógrafos(as), técnicos(as) de som, editores(as), entre muitos outros especialistas, que ampliavam nossos conhecimentos sobre pesquisa, direção e montagem de um filme etnográfico. O curso durava seis meses e, como finalização, realizamos nossas primeiras incursões fílmicas. Que oportunidade!

3 https://www.ppv2022.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=823

Já a Mostra era o momento mais esperado do ano para muitos e muitas de nós, uma espécie de acontecimento mágico sediado, depois do CCBB, nos jardins do Museu da República, no Rio de Janeiro. Era quando nos reuníamos para assistir a dezenas de filmes de todos os cantos do mundo, todos legendados e gratuitos,

acessíveis a quem quisesse conhecer produções etnográficas das mais diversas escolas, países e pessoas. Lá conhecíamos realizadoras e realizadores, como Eduardo Coutinho, João Moreira Salles, Vladimir Carvalho, Vincent Carelli, Divino Tserewahu, David MacDougall, Paul Henley, Jean Rouch, Eliane de Latour, entre tantos(as) outros(as). Fazíamos *workshops* e oficinas, acompanhávamos seminários e atividades educativas, participávamos dos Fóruns de Antropologia e Imagem. Tudo isso entre músicas, pipocas, encontros e performances. Não há neste país, até hoje, nada como a Mostra. Catálogos maravilhosos, recheados de textos sobre antropologia visual, informações sobre filmes e festivais, tudo pensado e articulado cuidadosamente pela Patrícia e toda a equipe que teve o privilégio de compartilhar com ela a produção desse patrimônio[4].

4 https://pt-br.facebook.com/MostraDoFilmeEtnografico

Tamanha empreitada nos faz corroborar a opinião da professora Cornelia Eckert, que, no *chat* da webconferência acima mencionada, se refere a Patrícia como uma "ativista da antropologia visual" – alcunha com a qual ela própria concorda. Ativismo em sua concepção de práxis: aí estava seu desejo de transformação, mudança, inserção de uma pauta na perspectiva da agência. Do fazer com as próprias mãos, e muito, pela formação de toda uma geração; uma formação plural no sentido mais lato da palavra; uma formação que não se restringia ao universo acadêmico ou à universidade, mas seguia o caminho de democratizar, popularizar e coletivizar.

Tamanho arrebatamento, para criarmos uma relação com algum nome da história do cinema, estaria em Vertov, com seu ímpeto de sair dos museus e ir para as ruas revolucionar uma nova forma de arte. Patrícia subvertia formas de saberes e olhares.

Apesar dos períodos de crise econômica no país (sempre correndo atrás de financiamento e patrocínios), das indefinições "se naquele ano ia ter mostra ou não" (de trazer material físico pesado, fitas U-matic a serem convertidas, rolos de filmes de 16mm, 35mm, super-8; da preocupação em acolher realizadores(as) estrangeiros(as)), e também apesar da saúde frágil... apesar de tudo, ela seguia firme com sua agenda, militando e revolucionando um modo de troca de conhecimento. (Não à toa, talvez, ela tenha organizado dentro de uma universidade pública um Atelier **Livre** de Cinema e Antropologia, e o termo "livre" não seria ocasional).

O curioso é que, a despeito das "subversões", Patrícia também estava dentro da instituição (das instituições) – não só da UERJ, mas de associações e sociedades científicas, como a ABA, o próprio Prêmio Pierre Verger, a ANPOCS, entre outras. Na UERJ, por exemplo, publicou durante muitos anos e em parceria com outra antropóloga, também professora da mesma universidade, Clarice Peixoto, a única revista de antropologia visual brasileira: os Cadernos de Antropologia e Imagem[5].

5 Disponíveis em: http://ppcis.com.br/cadernos-de-antropologia-e-imagem/

Com isso, podemos entender que Patrícia desenquadrava e reenquadrava, na acepção de Butler mesmo, a instituição. Ao mesmo tempo que promoveu e deixou tantos legados acadêmicos *stricto sensu*, proporcionou debates teoricamente refinados, com pesquisadores(as), professores(as), realizadores(as) na Mostra, em que ela mesma tinha a preocupação com o nome "etnográfico", porque muita gente – do público em geral a estudantes – não sabia o que era.

Então, arriscamos dizer que Patrícia brincava com uma fluidez entre estar aqui e lá, não estar tão lá e estar mais aqui, em criar pontes entre o aqui e o lá: entre o engajamento político da produção de patrimônios e o mundo institucional acadêmico, no melhor e no pior sentido que isso seja.

Patrícia nos deixou uma fortuna de aprendizado – prático, afetuoso, intelectual. Na medida em que nos ensinava sobre antropologia e cinema, também nos orientava a realizar projetos, a tecer colaborações, relações pessoais... Ela concretizava quereres, viabilizava uma vida cultural que passava pela antropologia, atravessava redes científicas não restritas às salas de aula, congressos ou trabalhos de campo, mas que estavam presentes nas mais diversas esferas culturais, em especial, nas salas de cinema. Patrícia promovia uma inclusão cultural para todas as pessoas da cidade... para todo mundo...

Logo, também podemos dizer que ela exercia uma ética da simetria. Uma ética radicalmente simétrica. Coisa que parece rara nos dias de hoje, sobretudo no mundo "soberbo" das ciências sociais (e talvez por isso mesmo ela se desencaixasse dele). Essa ética simétrica, que lembra uma bonita ideia de Hannah Arendt – de "mentalidade alargada" – diz sobre uma aceitação ampla das diferenças. Na esfera política, na esfera pública, um acolhimento da pluralidade de subjetividades que as compõem. Com sua subjetividade alargada, eticamente empática e acolhedora, Patrícia praticava essa aceitação, tratando estudantes, plateias, técnicos(as) e funcionários(as) no mesmo nível de igualdade, exercendo uma política de equidade e pluralidade – em seu significado mais democrático – de forma radical.

Patrícia era uma entusiasta do Brasil, do melhor do Brasil, e sua partida precoce é um baque para as pessoas que, como nós, tiveram o prazer e a honra de compartilhar com ela uma janela histórica.

Esperamos ser capazes, em nossos trabalhos, realizações e vivências, de estimular estudantes, parceiros(as) e amigos(as) da forma como ela nos estimulou.

Sobre a perda do amigo, "querido Marc Piault", ela registrou no *Facebook* da Mostra, em 04/11/2020: "deixa um vazio na Antropologia Brasileira, lembrando de toda a sua contribuição para a Antropologia Visual. Grande mestre, amigo, generoso, foi um enorme privilégio ter trabalhado com ele, que nos deixou muitos ensinamentos e uma legião de admiradores. Ele está no céu dos amorosos, assoviando por nós".

Não sabemos no que acreditar exatamente, mas se Patrícia estiver no céu, deve estar no céu dos amorosos, junto com Piault. De toda forma, preferimos imaginar que ela esteja dentro de nós, e que vamos cultivar e propagar a sua memória enquanto habitarmos esse planeta.

Terminamos esta homenagem com três frases da música "Dedicatória", de Caetano Veloso – cantor que ela tanto amava e por quem sentia profunda admiração:

"Quero oferecer tudo o que eu sei fazer
Quero agradecer por tanto que nem sei
Quero dedicar tudo que em mim brilhar".

***

Agradecemos à presidenta, Vi Grunvald, e a toda organização do Prêmio Pierre Verger 2022 pela iniciativa da mesa, pelo convite e pela chance de podermos compartilhar um pouco do amor e da reverência que sentimos por nossa mestra querida e eterna.

Recebido em 20/09/2022
Aprovado para publicação em 03/10/2022 pela editora Kelly Silva